

## EDITORIAL

Cláudio Luiz Zanotelli

20 anos! Duas décadas, o tempo passa rápido, parece que foi ontem quando, juntamente com as professoras Cláudia Câmara do Vale e Gisele Girardi, decidimos criar esta revista com o apoio do Departamento de Geografia. São 30 números e mais de 300 artigos publicados, várias entrevistas e, também, traduções de artigos oriundos de outras revistas internacionais e dezenas de resenhas de livros. Foram milhares de artigos submetidos à avaliação dos nossos imprescindíveis colaboradores, os pareceristas! sem eles não podemos ter uma revista de qualidade, que todos eles que contribuíram e contribuem conosco ao longo dos anos se sintam agradecidos. Agradecemos, também, evidentemente, a todos aqueles que enviaram seus artigos para avaliar e todos aqueles que finalmente depositaram confiança na revista para publicar seus artigos.

A revista foi publicada em papel com um número por ano até o número 7 em 2010, a partir de então ela tornou-se digital em média com dois números por ano. Por razões diversas os anos de 2004, 2005, 2007 e 2009 não contaram com números publicados. Todos os números se encontram disponíveis na página da revista.

A capa deste número retrata os 20 anos da revista com suas 30 diferentes capas que sempre primaram por certa estética, em referência a isto gostaria de agradecer todos os designers e diagramadores que passaram pela revista e contribuíram com seu aspecto e qualidade e que ajudaram em sua difusão.

Neste número comemorativo resgatamos três momentos importantes para a revista logo no seu início, a entrevista de Yves Lacoste publicada em três partes nos três primeiros números, a entrevista com Manuel Correa de Andrade realizada em 2000 e publicada no número 2 em 2001 e a publicação, também no segundo número da Geografares, de um artigo oriundo de palestra realizada na UFES de Antonio Carlos Robert de Moraes e intitulado *Bases da formação territorial do Brasil*.

Este número traz, igualmente, vários artigos sobre temas ligados à Geografia em diferentes perspectivas de saber como discorreremos logo em seguida.

No artigo *Esboço de uma crítica à compreensão fetichista da formação do estado do Espírito Santo como “formação econômica”*, Luiz Antônio Evangelista de Andrade procura fazer uma crítica do termo de “formação econômica” do Espírito Santo e da categoria da modernização na literatura historiográfica capixaba – se centra em particular sobre dois estudos de História Econômica da autoria de Gabriel Bittencourt – que ajudaram a consolidar uma interpretação do processo de desenvolvimento capixaba que o positivou não só no entendimento acadêmico sobre essa “formação econômica”, mas também no senso comum.

Em *Teoria social crítica e geografia: observações sobre a crítica da vida cotidiana*, Rodrigo José de Góis Queiroz salienta a

reafirmação do espaço na teoria social crítica, especialmente o seu papel na transformação social, bem como a virada espacial que ocorreu nas ciências humanas. Nesse contexto, através de extensa pesquisa bibliográfica propõe uma reflexão sobre as contribuições da crítica da vida cotidiana em Lefebvre e nos Situacionistas que permita uma aproximação com a realidade socioespacial.

Em *(Des)encontros: os sertões (1902), de Euclides da Cunha, e a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR) de 2003*, Robinson Santos Pinheiro objetiva averiguar em que medida o imaginário sobre o Estado brasileiro presente no romance *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, pode contribuir com a interpretação do discurso espacial presente na Política Nacional de Desenvolvimento Regional – PNDR, chegando à conclusão de que o pensamento euclidiano de modernização integradora do território brasileiro, desde que respeitadas as suas singularidades históricas, permanece atual no documento da PNDR.

Em *A memória da feira no distrito de José Gonçalves em Vitória da Conquista – BA*, Andrecksia Viana Oliveira Sampaio e Sônia de Souza Mendonça Menezes estudam a memória da feira que existia em José Gonçalves, distrito de Vitória da Conquista, por meio das narrativas dos moradores. Indicam que a feira teve no passado um comércio próspero, que entrou, porém, em declínio, dentre outros fatores por causa da seca que atingiu o município na década de 1980 e da introdução da cafeicultura e a consequente demanda de trabalho na colheita do café que induziu os feirantes à ilusão de que fosse um trabalho mais rentável. Atualmente a feira existe somente na memória coletiva da população que viveu e é impulsionada a narrar essas lembranças.

No artigo *Espaços comerciais e produção do espaço urbano. Mercados de abastecimento de Cuzco – Peru* de Rita de Cássia Gregório de Andrade se explicita que os mercados de abastecimento do Peru são elementos de resistência, em cidades que vêm se tornando *lócus* de novos espaços comerciais como *shopping centers*, hipermercados e supermercados. Descreve que estes mercados se destacam na produção do espaço urbano em relação simultânea de concorrência e complementaridade com outros espaços comerciais. Apesar das mudanças recentes no estilo de vida dos cusquenhos e da inauguração de modernos espaços comerciais, os mercados de abastecimento continuam sendo frequentados para compras de alimentos, prestação de serviços e para refeições, como café da manhã e almoço.

Em *Diferenciação espacial na escala intraurbana: análise dos impactos da indústria da construção civil na cidade de Mossoró*, Fábio Ricardo Silva Beserra e Edilson Alves Pereira Júnior buscam interpretar a diferenciação espacial na escala intraurbana, sem esquecer que para isso é preciso traduzir a divisão econômica e social do espaço, analisando processos, funções e formas-conteúdo a partir de padrões de uso do solo que definem zonas e setores centrais e periféricos na cidade. Foram investigadas as novas geografias da cidade a partir dos mais recentes negócios



Revista do Programa de  
Pós-Graduação em Geografia e do  
Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020  
ISSN 2175-3709

imobiliários e seus impactos no tecido urbano, percebendo-se um mosaico das áreas sociais, identificadas a partir da combinação de atributos definidos por diferentes status socioeconômicos.

*Território Vale do Piranhas –PB: Avanços, descontinuidades e desmonte das políticas públicas de desenvolvimento territorial* de Aldineide Alves de Oliveira e Simone Cabral Marinho dos Santos analisam os avanços, as descontinuidades e o desmonte das políticas territoriais rurais vivenciadas pelos sujeitos do campo no Território Vale do Piranhas – PB, os autores concluem que as políticas de desenvolvimento territorial se efetivaram na região, principalmente no período compreendido de 2004 a 2015, contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar e sinalização de mudanças estruturantes de acesso a terra, água, crédito e educação. No entanto, desde 2016, os avanços obtidos estão seriamente ameaçados, diante de um processo de desmobilização e redução de políticas, ações e programas voltados ao desenvolvimento territorial.

Em *Saber tradicional de pequenos agricultores na bacia hidrográfica do rio Duas Bocas, estado do Espírito Santo: uma abordagem da etnoclimatologia*, Julhia Dias Nunes Kiffer, Camilah Antunes Zappes e Eberval Marchioro, objetivam caracterizar o saber local de pequenos agricultores - residentes no entorno da Reserva Biológica de Duas Bocas no município de Cariacica no Espírito Santo – em relação a indicadores meteorológicos de previsão de precipitação. A dinâmica atmosférica, o comportamento da fauna e os astros celestes foram os principais indicadores de chuva constatados. O conhecimento etnoclimatológico revelou-se importante na manutenção da prática agrícola na região estudada, já que o sucesso da colheita depende deste saber.

O artigo *Estar, circular e curtir: gênero e sociabilidade em um pequeno espaço público da zona sul carioca* de Igor Ribeiro da Silva Campos analisa como as diferenças de gênero se constroem nos espaços dedicados à sociabilidade pública noturna. O artigo trata da Praça São Salvador, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, e identificou a existência de diferentes padrões de permanências e de deslocamento que conformam o encontro social de homens e mulheres no espaço público e conclui sobre a potencialidade das situações de sociabilidade pública como recorte para analisar a construção dos papéis sociais de gênero nas práticas cotidianas.

Boa leitura e esperamos ainda continuar participando do debate científico por ainda longo tempo.

Vitória, 26 de junho de 2020.